

SILVIA BLEICHMAR: APORTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS

SILVIA BLEICHMAR: CONTRIBUTIONS TO THE PSYCHOANALYTIC CLINIC WITH CHILDREN

SILVIA BLEICHMAR: APORTES A LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA CON NIÑOS

Marina Lucia Tambelli Bangel¹

Resumo: A clínica psicanalítica com crianças tramita em tempos fundamentais e fundantes do psiquismo, convocando os psicanalistas a uma prática precisa e ética diante da importância que suas intervenções têm para o futuro do sujeito. Silvia Bleichmar, partindo da metapsicologia freudiana, constrói uma proposta teórico-clínica sólida e profunda sobre os tempos originários da constituição psíquica. O objetivo do presente trabalho é apresentar um recorte destes, bem como o seu entrelaçamento com a psicopatologia infantil, com ênfase na importância do outro humano na constituição e nas recomposições psíquicas, bem como no caráter libidinal do sofrimento infantil, questões fundamentais no dessubjetivante contexto atual.

Palavras-chave: Silvia Bleichmar. Constituição psíquica. Clínica psicanalítica. Psicopatologia infantil.

Abstract: Psychoanalytic clinic with children operates within fundamental and foundational times of the psyche, calling psychoanalysts to a precise and ethical practice, given the importance of their interventions for the subject's future. Silvia Bleichmar, stemming from Freudian metapsychology, constructs a solid and profound theoretical-clinical proposal on the original times of psychic constitution. The objective of the present study is to present an excerpt of these and their intertwining with child psychopathology, emphasizing the importance of the human other in psychic constitution and recomposition, as well as the libidinal nature of childhood suffering fundamental issues in the current context, which tends to weaken subjectivity.

Keywords: Silvia Bleichmar. Psychic constitution. Psychoanalytic practice. Child psychopathology.

Resumen: La clínica psicoanalítica con niños transita en tiempos fundamentales y fundantes del psiquismo, convocando a los psicoanalistas a una práctica precisa y ética, dada la importancia que sus intervenciones tienen para el futuro del sujeto. Silvia Bleichmar, partiendo de la metapsicología freudiana, construye una propuesta teórico-clínica sólida y profunda sobre los tiempos originarios de la constitución psíquica. El objetivo del presente trabajo es presentar un recorte de estos y su entrelazamiento con la psicopatología infantil, con énfasis en la importancia del otro humano en la constitución y en las recomposiciones psíquicas, así como en el carácter libidinal del sufrimiento infantil, cuestiones fundamentales en el desubjetivante contexto actual.

Palabras clave: Silvia Bleichmar. Constitución psíquica. Clínica psicoanalítica. Psicopatología infantil.

¹ Psicanalista com atividade clínica em Porto Alegre e on-line. Psicóloga (UFRGS). Mestre em Teologia — Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais, pela Faculdade EST. Coordenadora e supervisora na Formação em Psicanálise e membro do Grupo de Investigação: Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância na Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG). Coordenadora e supervisora na Formação Psicanalítica, na Formação em Psicanálise de Crianças e Adolescentes e membro do Núcleo da Infância e da Adolescência (NIA) no Espaço Criar. Membro da rede de estudos com Facundo Blestcher. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7007-7358>. E-mail: marinabangel@hotmail.com

Silvia Bleichmar possuía um entusiasmo pelo estudo e pela transmissão da psicanálise e, entre tantas e importantes contribuições desta autora, as suas investigações e propostas teórico-clínicas sobre as origens do psiquismo ocupam um lugar fundamental para a psicanálise com crianças, inspirando psicanalistas que compartilham o mesmo prazer pela clínica nos tempos da infância. Em uma entrevista ela destaca: “as crianças, para mim, são um campo central de descobrimento e de prazer também no trabalho. É muito prazeroso trabalhar com crianças” (Ferreira; Molloy, 2001, p. 202).

Esta posição subjetiva é fundamental para ancorar uma prática na qual o psicanalista precisa equilibrar variáveis complexas, com a habilidade de um verdadeiro malabarista. Além disso, conforme destaca Bleichmar (2020),² esta é uma prática sempre em risco. Questionada sobre os riscos das propostas a partir da biologia, afirma que o efetivamente preocupante ao ofício da psicanálise seria um modelo de produção de subjetividade em que não houvesse espaço para as questões centrais do processo de humanização, a partir do qual um sujeito se constitui como desejante.

O que, naquele horizonte, em 2002, poderia parecer distante observa-se na produção das subjetividades contemporâneas. Em seu legado, com vigor e lucidez, Bleichmar apresenta propostas teóricas e técnicas consistentes, permitindo aos psicanalistas ocuparem um lugar de resistência frente a essa dessubjetivação, salvaguardando o valor do sentido, dos processos de simbolização e complexização psíquica, bem como da determinação libidinal tanto na constituição psíquica quanto na patologia mental (Ferreira; Molloy, 2001).

Nos diversos espaços de transmissão da psicanálise aos quais se dedicou — seminários, supervisões, conferências, publicações —, Bleichmar preocupava-se em situar o seu ponto de partida teórico, deixando claro para seus interlocutores desde onde pensava os ordenadores que ancoravam a sua prática clínica. Esta, exercida com acuidade, fazendo “biópsia” (Bleichmar, 2005a, p. 233) naqueles elementos que permitiam o diagnóstico metapsicológico “fino” em situações clínicas complexas, fazia com que ela fosse procurada em situações clínicas de difícil diagnóstico.

Também encontramos nas produções de Bleichmar vinhetas e histórias clínicas que exemplificam sua empatia e seu posicionamento diante do sofrimento psíquico, questão fundamental no cenário atual dessubjetivante. A autora ressalta que, em tempos de traumatismos naturais e históricos, é fundamental ao psicanalista manter seu aparato de pensar, bem como afinar seus instrumentos teórico-clínicos (Bleichmar, 2010). Os espaços de troca e de transmissão são privilegiados para tal fim, de forma que este é um dos principais objetivos deste trabalho: fazer um recorte dentro do vasto legado de transmissão da autora, com o objetivo de fazer circular entre os psicanalistas, especialmente para aqueles que se dedicam à clínica com crianças, ordenadores importantes para o trabalho clínico contemporâneo.

METAPSIKOLOGIA DO ORIGINÁRIO

Cabe iniciar com uma definição de infância proposta por Bleichmar a partir de uma visão psicanalítica:

a infância é o tempo de instauração da sexualidade humana, e da constituição dos grandes movimentos que organizam seus destinos no interior de um aparelho psíquico destinado ao après-coup, aberto a novas ressignificações e em vias de transformação a novos níveis de complexização possível (Bleichmar, 1994, p. 148).

² Esta é uma publicação póstuma. Silvia Bleichmar faleceu em 2007 e muitos dos “Seminários de los lunes” realizados de 1996 até 2007, ano de seu falecimento, foram degravados e cuidadosamente organizados para publicação, especialmente a partir do trabalho de sua filha, Marina Calvo. O seminário que deu origem a esta publicação foi realizado no ano de 2002.

Sendo assim, a clínica psicanalítica com crianças transcorre em tempos de estruturação do aparelho psíquico e, como reforça a autora, os destinos da pulsão serão destinos do sujeito (Bleichmar, 1994). O compromisso clínico e ético da autora frente à importância da intervenção nos tempos da infância balizou o seu movimento de revisar teoricamente os tempos originários da constituição psíquica, porque a definição das condições e dos movimentos que a impulsionam possibilitaria aos psicanalistas uma intervenção oportuna e precisa, questão fundamental considerando-se que não se pode perder tempo, especialmente em situações de emergência e/ou quando a constituição psíquica esteja em risco. Operar de qualquer modo, “para ir vendo o que vai ocorrer”, faz com que se percam anos da infância nos quais as dificuldades avançam numa organização nem sempre possível de ser revertida. Sim, as potencialidades de transformação nos tempos da constituição do psiquismo são significativas, mas, apesar disso, nem tudo é reversível! (Bleichmar, 2020, p. 417).

Por esse motivo, é doloroso que pais, ao perceberem dificuldades em seu(sua) filho(a), escutem dos profissionais que não se preocupem porque “quando amadurecer um pouco mais isso vai passar”, como se os movimentos de constituição psíquica seguissem um caminho biológico que se modificaria exclusivamente a partir da passagem do tempo cronológico. Não é isso o que ocorre.

Em sua proposta teórica para os tempos originários do psiquismo, Bleichmar (2005a) apresenta a constituição psíquica como um processo complexo, efeito das operatórias humanizantes. Resgata o caráter sexualizado e sexualizante do outro humano, propondo a existência de uma “assimetria sexual e simbólica entre a criança e o adulto que transcende os modos históricos” (Bleichmar, 2005a, p. 102). Esta constituição também será atravessada pelas vicissitudes do histórico-vivencial, sempre singular, de cada sujeito. Com isso, a autora enfatiza a importância de um diagnóstico cuidadoso com vistas a tecer a direção da cura necessária a cada situação clínica, em específico.

Imbuída desta consciência e com um conhecimento profundo da teoria freudiana, Bleichmar (1994) parte da convicção de que as transformações nas expressões clínicas não invalidam os princípios que deram origem à psicanálise. Com isso, se debruça no importante trabalho de revisar e de fazer trabalhar o “corpus freudiano” (Bleichmar, 1994, p. 175), especialmente os textos da metapsicologia,³ selecionando fundamentos teóricos sobre a constituição do psiquismo e diferenciando-os daqueles que são decorrência das questões históricas da época, os quais foram cunhados por Freud.

A partir deste movimento, Bleichmar oferece um importante legado: uma proposta teórica sobre os tempos de constituição da tópica psíquica que servem como ordenadores para uma psicopatologia infantil ancorada na metapsicologia freudiana e em autores pós-freudianos, especialmente Laplanche (que foi orientador da sua tese de doutorado), e cuja proposta teórica lhe foi inspiradora e com a qual manteve proximidades, divergências e ampliações.

TEMPOS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA: ENLACES COM A PSICOPATOLOGIA INFANTIL

A constituição do psiquismo, na visão de Bleichmar, é um processo que ocorre em tempos reais através do efeito das operatórias humanizantes (pulsão originária; ligação; pautação) realizadas por um outro humano sexualizado e sexualizante que toma sob a sua

³ Quando a autora explicita a que textos se refere, deixa claro que não são apenas os textos freudianos conhecidos como “metapsicológicos”, tais como: *O inconsciente* (1915), *Recalcamento* (1915), *Pulsão e destinos da pulsão* (1915). Utiliza também textos os quais considera que “oferecem reformulações gerais aos modelos do funcionamento psíquico”: *Projeto para uma psicologia científica* (1895), *Carta 52* (1896), *A interpretação dos sonhos* (1900) (capítulo VII), *Além do princípio de prazer* (1920) e *O ego e o Id* (1923) (Bleichmar, 2005a, p. 24).

responsabilidade a proteção e o cuidado da “cria”,⁴ do “filhote humano” para garantir que ele tenha não só uma vida biológica, mas também uma vida simbólica. São efetuadas a partir do seu aparelho psíquico clivado, ou seja, exercidas a partir das suas diferentes instâncias psíquicas numa “assimetria constitutiva” que é tanto “sexual” quanto “simbólica” (Bleichmar, 2005a, p. 102).

Bleichmar (2020) resgata o caráter sexualizado do outro humano e situa no prazer corporal erógeno do adulto com o corpo da criança o apoio para o surgimento do campo representacional. Essa questão traz duas consequências importantes: aponta que o corpo biológico, por si só, não é garantia de um corpo libidinal — “para que haja corpo no sentido libidinal tem que haver exterior libidinizante do outro” (Bleichmar, 2020, p. 33) — e situa o outro humano como “produtor” da tópica psíquica e não apenas um “suporte” para ela (Bleichmar, 2005a, p. 115).

Após essas considerações, cabe apresentar um recorte dos tempos da constituição psíquica propostos pela autora, bem como alguns dos alinhavos que efetua entre estes e a psicopatologia infantil.

PRIMEIRO TEMPO DA VIDA

Para Bleichmar (1994), esse primeiro tempo, que não corresponde ainda ao primeiro tempo da sexualidade, caracteriza-se pelo desamparo da “cria”, que nasce com um substrato biológico com maiores ou menores facilidades nos circuitos e conexões genéticas. Entretanto, a autora (2005a) aponta como discutível a ideia de uma transmissão genética dos conteúdos representacionais.

Bleichmar (2020) situa como momento inaugural a experiência de satisfação proposta por Freud, mas coloca um acento no prazer corporal erógeno do adulto com o corpo da “cria”, enfatizando que este é o elemento central capaz de promover uma ruptura com os circuitos biológicos, instaurando a pulsão e inaugurando a vida psíquica.

SEGUNDO TEMPO DA VIDA, PRIMEIRO DA SEXUALIDADE — PRIMEIRAS INSCRIÇÕES, PRIMEIRAS LIGAÇÕES

O segundo tempo da vida, primeiro tempo da sexualidade, é marcado por este “desencontro estruturante” (Bleichmar, 2020, p. 345) através do qual o “filhote humano” vai em busca do nutrição e recebe, junto com os cuidados autoconservativos, um “plus” de prazer, excitante, “traumático” (Bleichmar, 2005a, p. 131), que subverte os montantes biológicos de forma que “a experiência sensorial se vê subvertida de sua ordem natural, já que fica totalmente atravessada pela experiência libidinal oferecida pelo outro humano... um outro humano provido de desejo de sexualidade” (Bleichmar, 2005a, p. 256).

Para Bleichmar (2005a), a partir das primeiras inscrições, a pulsão já tem um caráter de atacante interno e o psiquismo incipiente necessitará novamente da ação do outro humano. Este, a partir do seu “narcisismo transvazante” — capaz de transvazar-se para outro ser ao ver a “cria” como um outro humano —, vai lhe atribuir pensamentos e desejos e realizar movimentos amorosos (através da fala, de cantigas, etc.) que auxiliarão nas primeiras ligações, produtoras de vias colaterais que servirão de base na qual o ego irá se assentar por ocasião do recalçamento originário. Assim, o outro humano, do lado do seu inconsciente, executa uma “função pulsante” e, a partir do seu narcisismo, exerce uma “função ligadora” (Bleichmar, 2005a, p. 137).

⁴ Bleichmar explica que escolheu as palavras “cria humana” ou “filhote humano” em vez de “infans” ou “lactante” para destacar que é “cria”, “filhote” que “tem que humanizar-se, constituir-se como sujeito humano... É potencialmente humano... Se não se produzem as condições de humanização a humanidade não se articula” (Bleichmar, 2016, p. 22).

Considerar as representações como não existentes desde as origens, ou seja, não transmitidas geneticamente e sim como efeito das operatórias humanizantes, significa ter em conta a possibilidade de que este processo pode, inclusive, em determinadas situações, não se produzir. Diz a autora: “sabemos que em geral não é assim, mas estão aí as creches romenas de Nicolás Ceausescu e outros exemplos históricos⁵ que nos indicam o contrário” (Bleichmar, 2021, p. 136).

A instauração do autoerotismo opera como um indicador importante: “Se há autoerotismo haverá pensamento... já está com um objeto mental com que pode obter prazer” (Bleichmar, 2005a, p. 270). Ou seja, a função biológica já foi subvertida e já existem restos do objeto sexual inscritos. Por outro lado, o autoerotismo, enquanto reativação desejante das marcas mnêmicas, constitui também um importante modo de ligação das excitações (Bleichmar, 2005a, p. 131).

A autora diferencia o autismo infantil primário das “formas autistizadas como formas secundárias defensivas nas psicoses” (Bleichmar, 2005a, p. 323). O primeiro decorre do fracasso na ruptura dos imediatismos biológicos, gerando quadros deficitários de humanização. É, portanto, mais grave, porque “é mais grave o que nunca se constituiu do que o que se constituiu como defesa” (Bleichmar, 2005a, p. 323). O trabalho, nessas situações, precisará detectar o que está obstaculizando as operatórias libidinadoras para poder promovê-las, considerando que as causas podem ser da ordem do substrato biológico da cria e/ou do psiquismo do outro humano cuidador.

SEGUNDO TEMPO DA VIDA PSÍQUICA: CONSTITUIÇÃO DO RECALCAMENTO ORIGINÁRIO, CLIVAGEM DA TÓPICA, FUNDAÇÃO DO INCONSCIENTE E INSTAURAÇÃO DO EGO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO NARCISISTA

Bleichmar (1994) confere ao recalcamto originário⁶ um lugar de destaque na sua produção teórica, em função do seu caráter fundante para a tópica psíquica. Além disso, as falhas parciais ou significativas nos movimentos que o constituem estão na base de muitos dos fenômenos clínicos com os quais nos deparamos em nossa prática, especialmente nos tempos da infância:

Aparentemente distanciada da clínica cotidiana, tentamos demonstrar que a questão do recalcamto originário revela-se, no entanto, como a única via para a compreensão de certos fenômenos cuja frequência é maior do que um olhar não treinado poderia supor (Bleichmar, 1994, p. 192).

A autora enfatiza que as representações pré-existem ao recalcamto originário, mas encontram-se numa espécie de “loft” (Bleichmar, 2005a, p. 120), ou seja, “vagam pelo aparelho anímico sem ancoragem, sem fixação” (Bleichmar, 2005a, p. 117). Ao fixá-las ao inconsciente, o recalcamto funda-o. Esse movimento é reequilibrante para o psiquismo porque as representações, ao tornarem-se fixadas, passam a funcionar sob o princípio do prazer e, com isso, deixam de avançar de forma compulsiva. A clivagem tópica inaugura a presença de dois sistemas (inconsciente e pré-consciente-consciente) com funcionamentos diferentes (processo primário e processo secundário), condição fundamental para a existência do conflito intrapsíquico e para a produção das formações do inconsciente, enquanto formações de compromisso entre ambos. A presença delas é um dos indicadores da presença do recalcamto.

⁵ Bleichmar refere-se às crianças ferais ou selvagens (Bleichmar, 2005a, p. 130; 2020, p. 628).

⁶ A opção por “originário” (dá origem a) em vez de “primário”, na tradução da palavra *Urverdrängung*, decorre justamente do acento que a autora coloca sobre o caráter fundante que este tem para o inconsciente (Bleichmar, 1994, p. 179).

A pergunta “De onde o recalçamento originário extrai sua força?” provavelmente se constituiu como uma das mais inquietantes e recorrentes para aqueles que escutaram pessoalmente ou que tomaram contato com as ideias de Bleichmar através dos seus escritos. Resposta clara: “a força de contrainvestimento assim como a inscrição pulsional virá do outro” (Bleichmar, 1994, p. 183).

No outro, não só as nossas bocas, mas também as nossas mentes são alimentadas; dele recebemos, juntamente com o leite, o ódio e o amor, as nossas preferências morais e nossos valores ideológicos. O outro está inscrito em nós e isso é inevitável. É essa condição básica da transformação do filhote humano em ser humano que gera a expectativa de que o próximo não pode deixar de nos afastar do egoísmo com uma presença tensionante (Bleichmar, 2005b, p. 8).

Através da fala, os adultos transmitem à criança enunciados tais como: “Nossa! Tu és muito esperto, já sabes esperar!”. Ou, ao contrário: “Nossa! Como tu és brabo e impaciente, não sabes esperar!”. E, ao estarem atravessados pelas leis que regem os contatos inter-humanos e a civilidade nas relações, vão oferecer à criança também os enunciados proibitórios. As interdições primárias irão pautar o exercício autoerótico e as proibições secundárias possibilitarão as renúncias edípicas. As interdições primárias, como coloca Bleichmar (2005a), emprestam uma força para a criança efetuar a renúncia ao exercício da satisfação pulsional direta, o que é fundamental para que o recalçamento originário possa se instaurar.

Do lado do pré-consciente, o processo secundário permitirá ao aparelho psíquico a organização da lógica (tempo, espaço) fundamental para os processos de simbolização. O trabalho clínico nos tempos da infância coloca o psicanalista diante de crianças que podem não ter constituído ainda noções importantes, tais como frente/atrás, em cima/embaixo, demonstrando que o processo secundário e a posição de sujeito ainda não estão instaurados, pois, para a construção destas noções, a criança utiliza a si própria (em frente a mim, atrás de mim). O mesmo ocorre com as perguntas “Quem sou eu?”, ou com as afirmações, tais como “Eu não sou um boneco” ou “Eu não sou uma galinha”. Tais questões podem causar estranhamento nos adultos porque, para eles, isso parece óbvio. Do ponto de vista da criança, apontam para um ego tentando situar-se/afirmar-se. Assim, conforme Bleichmar:

não é difícil perceber que os mais graves transtornos de aprendizado da primeira infância fazem, em geral, evoluções psicóticas ou a déficit e não podem ser considerados como simples transtornos maturativos do desenvolvimento (Bleichmar, 2005a, p. 117).

É importante o fato de que a presença do pré-consciente, por si só, não é garantia de que haja um sujeito psíquico e Bleichmar (2009) nos aponta situações clínicas, especialmente as psicoses infantis, em que é possível encontrar um pré-consciente, ou seja, a lógica operando, mas este encontra-se desabilitado de um sujeito:

É o caso das esquizoidias graves ou dessa coisa tão estranha que foi a Síndrome de Asperger, da qual temos deixado de ouvir falar, mas que se caracteriza justamente pela existência da lógica do pré-consciente desabilitado de um sujeito amoroso (Bleichmar, 2009, p. 322).

O contato com a realidade confronta permanentemente o psiquismo com a tarefa tanto de regular os estímulos advindos do mundo externo quanto de dar um destino às excitações internas. Nas psicopatologias graves, as falhas na constituição da tópica psíquica e na representação narcísica, totalizante de si, impedem a constituição de um campo diferenciado tanto no interior do psiquismo quanto deste com relação ao exterior, gerando sofrimentos intensos na criança. Bleichmar (1994) exemplifica esta questão através do pequeno Alberto que, diante do barulho da moto que passava na rua, em vez de fechar o ouvido, fechava a porta do consultório:

Só podia então fechar as portas do espaço exterior, porque ele mesmo não se separava como objeto daqueles objetos que o rodeavam; sua representação egoica não estava constituída e por isso seu corpo podia ser facilmente atravessado sem que ele pudesse controlar seus próprios buracos de entrada e saída (Bleichmar, 1994, p. 96).

A compreensão metapsicológica possibilita que a intervenção de Bleichmar se distancie do “senso comum” — “a moto não pode voar e entrar pela janela” —, ineficaz do ponto de vista de possibilitar transformações psíquicas. Ancorada metapsicologicamente, aproxima-se com delicadeza:

Pus minhas mãos sobre sua cabeça, enlaçando-a (como constituindo uma proteção), e lhe falei dos objetos que entravam nela, de como sentia sua cabecinha aberta a todas as coisas que entravam e saíam e me propus a ajudá-lo a conseguir, juntos, que sentia que podia abrir e fechar sua cabeça para receber aquilo que hoje o invadia partindo-o em pedacinhos. “A moto não pode entrar na minha cabeça, não é verdade?”, respondeu-me (Bleichmar, 1994, p. 96).

Nas crianças com falhas na constituição da tópica psíquica, tais como Alberto, bem como nas crianças “hipersensíveis”/“hiperconectivas” (Bleichmar, 2009, p. 228), o trabalho psicanalítico precisará auxiliar nos processos de ligação das intensidades e na constituição de um eu enquanto representação de si, com recursos para apropriar-se dos vividos, transformando o que ingressou de forma traumática em uma história própria. Nesse sentido, os escritos de Bleichmar (1994) sobre seu paciente Alberto são inspiradores.

Um computador, afirma Bleichmar (2009), consegue rechaçar o que não é compatível com o sistema. O ser humano não. Assim, em muitos casos, a defesa psicótica, mesmo que extrema, será a forma possível encontrada como proteção frente ao efeito que o excesso gera no psiquismo. A constituição da tópica psíquica tem um papel protetor:

O complexo jogo entre as instâncias psíquicas, uma vez diferenciadas, a constituição da tópica psíquica, permitiria um funcionamento filtrado através de um funcionamento simbólico no qual as significações articuladas pela linguagem jogam um lugar central (Bleichmar, 2009, p. 229).

TERCEIRO TEMPO DA VIDA PSÍQUICA

Os dois tempos apresentados anteriormente são requisitos fundamentais para que uma neurose possa se estruturar a partir deste terceiro tempo, que é marcado pela fundação das instâncias ideais e da consciência moral, bem como da identificação sexuada através “da articulação desejanste a um dos pais e à rivalidade com o outro” (Bleichmar, 2005a, p. 139). O recalamento secundário e a constituição do superego permitirão um novo reequilíbrio do aparelho psíquico, e a tópica psíquica ficará organizada pela angústia de castração, em vez da angústia de aniquilamento. Inclusive, para a autora, o tipo de angústia predominante no aparelho psíquico servirá como diagnóstico diferencial para uma estrutura predominantemente neurótica.

O extenso trabalho de Bleichmar sobre os fundamentos metapsicológicos nos tempos da origem do psiquismo e do sujeito psíquico⁷ tem consequências importantes para a clínica. A autora faz uma diferenciação entre dois tipos de fenômenos psicopatológicos: “transtorno” e “sintoma” (Bleichmar, 1994, p. 178).

⁷ Apresento aqui como separados — origem da tópica psíquica e origem do sujeito psíquico — porque, como demonstrado anteriormente, e essa é uma questão importante para o trabalho clínico, a partir das inscrições há um psiquismo sem que necessariamente haja um sujeito capaz de habitar esta tópica e apropriar-se dela.

O sintoma, neurótico, originado a partir da formação de compromisso entre as instâncias psíquicas, só poderá ocorrer a partir de uma tópica constituída, ou seja, que tenha efetuado os movimentos constitutivos do recalçamento originário, bem como os do recalçamento secundário. Enquanto realização velada de um desejo inconsciente, o sintoma é uma produção psíquica altamente simbólica. Já o transtorno é uma expressão sintomática decorrente do efeito de falhas, de fracassos na constituição da tópica psíquica (Bleichmar, 1994).

Bleichmar (2021) observava que a maioria das expressões psicopatológicas infantis, em sua época, não era decorrência de sintomas. Nos tempos atuais, isso segue vigente e as dificuldades na constituição da tópica psíquica vêm se ampliando vertiginosamente. Isso tem consequências importantes para a clínica, pois a diferença metapsicológica entre o sintoma (formação de compromisso) e o transtorno (falhas parciais ou significativas na constituição da tópica psíquica) põe em jogo o tipo de estratégia a ser escolhida para definir o início do tratamento e a direção da cura. Esse movimento levará em conta a predominância estrutural, pois, para Bleichmar (2005a), em um psiquismo podem coexistir elementos neuróticos e não neuróticos, demarcando que a tópica psíquica não é homogênea. Nela existem diferentes tipos de representação (signos de percepção, representação-coisa, representação-palavra) que necessitarão de diferentes formas de trabalho técnico:

o analista de crianças deverá ser extremamente preciso em sua técnica para justificar suas intervenções: momentos fundantes do aparelho, momentos ligadores que tendem a instaurar o não constituído, momentos interpretantes para tornar consciente o inconsciente (Bleichmar, 1994, p. 147).

No processo de análise, o trabalho de desvelamento do inconsciente realizado através da interpretação será corroborado pela resposta associativa da criança. Já na intervenção psicanalítica frente às falhas na constituição da tópica psíquica, assim como em situações de traumatismos severos, o trabalho não será interpretativo, e sim de ligação a partir de intervenções simbolizantes. Nessas situações clínicas, a corroboração da ação do psicanalista se fará a partir dos saltos estruturais acompanhados *in situ*. Nesses casos, tais movimentos serão produzidos pelo próprio analista através de suas intervenções ligadoras: “o analista artesão criou com os materiais existentes algo diferente daquilo que encontrou inicialmente” (Bleichmar, 1994, p. 202).⁸

Assim, para Bleichmar, o processo de neogênese ocupa um lugar central.

Neogênese quer dizer produção de algo novo que não está em cada um dos elementos, mas sim nas possibilidades de articulação de novas pontes simbólicas e na sua combinação, possibilidades estas que não se pode dizer que antecedem o fenômeno produzido (Bleichmar, 2005a, p. 63).

Mas os processos de neogênese não são exclusividade da clínica e podem ocorrer de forma espontânea (Ferreira; Molloy, 2001). Sendo assim, o que diferencia os processos de neogênese espontâneos daqueles a partir da intervenção analítica? Justamente o fato de que, a partir de uma teoria sólida sobre a constituição da tópica psíquica, o psicanalista conduz o processo de neogênese numa determinada direção, possibilitando saltos estruturais ou uma composição menos patológica (Bleichmar, 2005a).

Ao considerar a constituição da tópica psíquica como efeito das operatórias humanizantes, a intervenção clínica precisará cercar e intervir sobre o que esteja obstaculizando

⁸ Embora o presente trabalho tenha como enfoque a clínica psicanalítica com crianças, cabe ressaltar que essa premissa é válida também para pacientes adultos com psicopatologias graves e/ou que tenham vivido situações traumáticas extremas, o que reforça a relevância das propostas teóricas da autora.

esse processo, considerando tanto as determinações do lado da criança quanto as do adulto. Sendo assim, o trabalho clínico não poderá prescindir da escuta dos pais, que auxiliarão no cercamento do histórico vivencial, mesmo que o trabalho psicanalítico seja sobre o “calombo” (Bleichmar, 2005a, p. 89), sobre o efeito metabólico, singular, na criança.

A complexidade da clínica psicanalítica com crianças, enquanto um terreno de transferências múltiplas (da criança e dos pais), faz com que muitos psicanalistas desistam desta prática clínica. Nesse sentido, pode-se encontrar em Bleichmar (2005a) uma postura benevolente acerca dos pais, que é tanto inspiradora quanto fundamental para os psicanalistas que trabalham com crianças.

Cabe reproduzir com suas palavras:

E considero fundamental levar em consideração que as falhas dos pais são efeito de histórias edípicas pessoais, e que não têm que ser colocadas a partir de uma perspectiva empobrecedora como se fossem erros de criação cometidos por brutalidade ou estupidez. Uma das piores coisas que podemos fazer com os pais é não entender que eles também são sujeitos de inconsciente. E quando digo que são sujeitos de inconsciente, digo também que são sujeitos suscetíveis de serem cuidados pelos analistas e que merecem respeito e delicadeza com relação aos seus aspectos infantis — aspectos infantis no sentido de desejos inconscientes, aqueles que dão origem à neurose, mas que constituem também o reservatório da criatividade (Bleichmar, 2005a, p. 238).

CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO EM TEMPOS DESSUBJETIVANTES

Bleichmar ancora-se na metapsicologia freudiana, como um corpo teórico central, para propor uma metapsicologia das origens capaz de instrumentalizar a compreensão e a intervenção clínica na infância enquanto tempo privilegiado de constituição da tópica psíquica. Resgatar a assimetria libidinal e simbólica do outro humano como vetor fundamental na constituição e na complexização da tópica psíquica serve, conforme pontuado no início do trabalho, como movimento de resistência à simplificação brutal que Bleichmar já denunciava, mas que tem alcançado parâmetros exponenciais em nossos tempos.

Em tempos de hiperconexões, os movimentos protetores e ligadores tornam-se fundamentais. Tais movimentos, como apresentado neste trabalho, decorrem do “narcisismo transvazante” que permite perceber o outro como um igual, porque humano, mas diferente em termos de recursos, e, com isso, ir em auxílio diante do que ele necessita.

Entretanto, o contexto atual é marcado por um paradoxo constituído por um excesso de exposição acompanhado de um déficit no “narcisismo transvazante” frente à infância. Há uma dificuldade dos adultos de perceberem a diferença de recursos existentes entre o seu psiquismo (já constituído) e o psiquismo da criança (em constituição) para a metabolização do excesso com o qual ela se vê confrontada. Nas famílias, situações tais como a criança dormir na cama com os pais, banho compartilhado, os pais deitarem-se com a criança até ela adormecer em vez de oferecerem substitutos simbólicos (ursinho, histórias), entre outras, expõem a criança a uma presença corporal excessivamente erogenezante e produzem uma quantidade de excitação difícil de ser tramitada psiquicamente. Não estamos falando aqui de pais perversos nem desconsiderando o prazer que o contato com o corpo da criança mobiliza no adulto e sim apresentando que o déficit no “narcisismo transvazante” — ou seja, de perceber que os recursos de metabolização psíquica da criança são diferentes dos seus — tem sido também um importante fator para a dificuldade dos pais frente ao exercício da sua função de pautação.

O acesso fácil às telas e à internet também tem confrontado a criança com um excesso tanto pela quantidade quanto pelo tipo de informação com a qual ela se depara:

O acesso a um programa pornográfico ou a uma grande cirurgia (sem que seja tão fácil distinguir quanto de voyeurismo há neste último caso, já que o corpo alheio convoca, na sua exibição e mesmo na sua estripação, a excitação dos aspectos sadomasoquistas subterrâneos de tantos seres humanos) está ao alcance das crianças, juntamente com informações sobre os últimos avanços da astrofísica ou a projeção de espécies ameaçadas num zoológico do Primeiro Mundo. A presença precoce da morte e da sexualidade em suas formas não assimiláveis pelo psiquismo dos primeiros anos constitui um fator traumático de amplas consequências na infância (Bleichmar, 2021, p. 199).

Por sua vez, o déficit no “narcisismo transvazante” tem tornado o terreno da infância árido de elementos simbólicos. Aqui, a diferenciação que Bleichmar (2021) faz entre frase e enunciado é importante: a frase pode ser apresentada sem um sujeito. O enunciado, ao contrário, é uma frase habitada pelo sujeito, ou seja, tem uma implicação subjetiva e, sendo assim, é capaz de oferecer elementos simbólicos.

Chama atenção o fato de que muitos dos programas “infantis” oferecidos às crianças lhes apresentam um conjunto de frases (nesta cesta tem dois ovos, no cercado tem cinco galinhas) com um objetivo meramente informacional. Corresponderiam, tecendo um alinhavo com a constituição do psiquismo apresentada neste trabalho, aos cuidados meramente autoconservativos. Vazias libidinalmente, desprovidas de enunciados, não consideram a criança como um sujeito a quem é importante que se ofereçam histórias com enredo, conflitos vividos pelos personagens, elementos simbólicos com os quais a criança possa construir suas teorias infantis.

E todos sabemos que podemos ser perfeitamente devorados pela informação, em particular por aquela que se torna uma espécie de “trivial”, que não serve para nada, porque é tão excessiva que não conseguimos organizá-la ou nos fornece uma quantidade tão grande de dados que não conseguimos codificar (Bleichmar, 2021, p. 192).

Esse aspecto trivial, esvaziado, é encontrado também em memes e nas músicas “chiclé” às quais a criança fica aderida e que, sem compreensão e sem elementos simbólicos onde enlaçá-las, geram um excesso de excitação e de angústia que acaba tendo como destino possível a repetição evacuativa ou a agitação motora. A função protetora do adulto é muito importante tanto no cuidado de observar quais são os conteúdos que a criança está acessando quanto no auxílio à regulação do tempo de exposição. E, especialmente, o contato com as telas não pode roubar os tempos de encontros reais entre humanos, pois estes promovem exercícios de prazer e de conflitos, fundamentais à constituição e complexização psíquica.

Este trabalho procurou demonstrar, mesmo que em um recorte, a complexidade necessária para que um psiquismo se constitua e tem como objetivo a resistência à trivialização dessubjetivante que avança sobre a infância a passos largos. Busca devolver, na vida e na clínica, o lugar fundamental que o outro humano ocupa tanto nos processos de constituição da tópica psíquica quanto na sua recomposição frente aos fenômenos psicopatológicos nos tempos da infância.

A profundidade dos conhecimentos teóricos sobre a metapsicologia dos momentos originários de um psiquismo que Bleichmar nos oferece, bem como a complexidade das intervenções clínicas diante das diferentes expressões do sofrimento psicopatológico infantil, contrastam com a trivialização/simplificação dessubjetivante do contexto atual.

Finalizo com uma frase impactante de Bleichmar que segue convidando a pensar:

As crianças — excitadas, penduradas nos cipós da selva de cimento, sem conseguirem conter a excitação que produz o excesso de estímulos que não podem ser metabolizados — são medicadas e isso resulta na diminuição de todas as possibilidades produtivas (Bleichmar, 2021, p. 199).

REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BLEICHMAR, Silvia. *Aportes del psicoanálisis para una teoría de la inteligencia*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2021.
- BLEICHMAR, Silvia. *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Annablume, 2005a.
- BLEICHMAR, Silvia. *El psicoanálisis en debate*. Diálogos con la historia, el lenguaje y la biología. Buenos Aires: Paidós, 2020.
- BLEICHMAR, Silvia. *Inteligencia y simbolización: una perspectiva psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. *Psicoanálisis extramuros*. Puesta a prueba frente a lo traumático. Buenos Aires: Entreideas, 2010.
- BLEICHMAR, Silvia. Un modo de pensar nuestro tempo. In. BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topia, 2005b.
- BLEICHMAR, Silvia. *Vergüenza, culpa, pudor*. Relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad. Buenos Aires: Paidós, 2016.
- FERREIRA, Jacirema C.; MOLLOY, Carmem. Entrevista com Silvia Bleichmar. *Psychê*, v. 5, n. 8, p. 193-203, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30700814>.

Artigo enviado: 5 de março de 2025

Artigo aceito: 11 de março de 2025